



**Entrevista exclusiva concedida por escrito pelo Presidente da República,
Luiz Inácio Lula da Silva, à revista Nordeste
Publicada em 15 de setembro de 2010**

Jornalista: Presidente, chegando ao final de uma gestão que modificou o índice de desenvolvimento social do País, particularmente do Nordeste, como fazer para aumentar o ranking econômico dos Estados não-polos, fora do eixo Bahia-Pernambuco-Ceará? O que falta fazer?

Presidente: Nós estamos direcionando um volume inédito de investimentos para o Nordeste, dentro da nossa política de reduzir as desigualdades sociais e regionais. Antes, os estados do centro-sul do país eram privilegiados. Nós nunca privilegiamos esta ou aquela região e também não favorecemos alguns estados do Nordeste em detrimento de outros. Os investimentos são altos e alcançam todos os estados. De 2007 a 2010, estamos direcionando para a região nada menos que R\$ 160 bilhões em infraestrutura social-urbana, energética e logística (sistemas, vias e terminais de transportes). Desse total, 60% são para Bahia, Pernambuco e Ceará. Acontece que a soma da população destes estados, que são mais populosos, corresponde também a 60% da população do Nordeste. De modo, que a divisão *per capita* dos recursos é absolutamente equitativa. O programa Luz para Todos já garantiu energia para 6,1 milhões de nordestinos da área rural. Sem contar o que será investido depois de 2010, na complementação das obras estruturantes. Nos estados que você citou, temos megaempreendimentos, como polo petroquímico, refinaria e estaleiro em Pernambuco, siderúrgica e refinaria no Ceará e, na Bahia, ampliação e modernização de refinaria, estaleiro e ferrovia ligando Ilhéus ao estado de Tocantins. Mas temos também em vários outros estados. É o caso da megarrefinaria do Maranhão e da ampliação da



capacidade instalada da refinaria Clara Camarão, no Rio Grande do Norte. Outros empreendimentos são regionais e vão atender a vários estados. Um exemplo é a Transposição do São Francisco, que vai beneficiar 12 milhões de pessoas dos estados de Pernambuco, Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte. A Transnordestina, com 2.278 km de extensão, vai ligar o Piauí aos portos de Suape (PE) e Pecém (CE) e mais tarde será conectada à Norte-Sul, no Maranhão. Este estado terá ligação ferroviária tanto com os portos citados quanto com a malha ferroviária paulista, via Norte-Sul. A duplicação da rodovia BR-101, que começou no Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco, está sendo estendida também para Alagoas e Sergipe. Estamos garantindo a todos os estados do Nordeste – que já vivem uma nova fase – os alicerces para um ciclo de desenvolvimento vigoroso e duradouro.

Jornalista: Obras da repercussão como a Transposição do São Francisco e políticas no nível da nova partilha do Pré-Sal só teriam condições de vingar se estivesse no Poder um político audacioso e conhecedor dos conflitos sociais do Nordeste. Como ficam as ações de continuidade para reduzir as desigualdades regionais? A candidata Dilma saberá manter essa mesma conduta política?

Presidente: Veja, é claro que eu não teria como definir e implementar sozinho todas as políticas que estão sendo implementadas pelo governo. Foi preciso, obviamente contar com auxiliares competentes e comprometidos com o projeto que está transformando o nosso país. E entre todos esses auxiliares, destacou-se a ex-ministra Dilma Rousseff. Ela teve papel fundamental tanto na definição quanto na execução das políticas públicas. Pela sua capacidade gerencial e política, foi escalada para a chefia da Casa Civil, passando a coordenar todos os 36 ministérios. Eu não tenho dúvida de que nesses anos todos a ex-ministra tornou-se a maior conhecedora da máquina federal e a que mais empenhou sua energia e seu talento na concretização das nossas políticas, entre as quais



a que é voltada para a redução das desigualdades sociais e regionais. Se o governo é, hoje, bem avaliado de norte a sul do país, segundo todos os institutos de pesquisas, boa parte dos índices é devida à atuação da ex-ministra. Para ela, vai ser muito fácil manter a essa conduta política porque ela foi uma das responsáveis por sua definição. Aliás, foram exatamente essas razões que a levaram a ser escolhida para disputar a Presidência.

Jornalista: Historicamente, sobretudo do final do Século 19 ao início do Século 20, os grandes investimentos do País se concentraram 80% no Sudeste - 44% em São Paulo. Na sua opinião, a candidata Dilma terá força e convencimento para adotar uma reengenharia política de melhor partilha entre as regiões, especialmente o Nordeste – sempre tratado com discriminação? A Reforma Tributária, enfim, sai?

Presidente: Como já citei na resposta à primeira pergunta, o Nordeste vem sendo contemplado com investimentos volumosos em obras de infraestrutura e escolhido como localização de muitos megaempreendimentos. É claro que os investimentos nos estados têm que levar em conta alguns fatores, como o número de habitantes e também o nível de carências, se foi privilegiado ou esquecido por outros governantes. É por isso que não podemos distribuir os recursos igualmente para os 26 estados e o Distrito Federal. Seria outra injustiça. O Nordeste está sendo contemplado com altos investimentos exatamente porque é uma região populosa e também por ter sido ignorada por anos e anos pelos governantes. A ex-ministra conhece muito bem essa realidade, empenhou-se nesta divisão de investimentos e por isto com certeza vai seguir na mesma linha. Quanto à reforma tributária, quem menos teria que ser cobrado sobre o assunto é o governo. Nós assumimos em janeiro de 2003 e em abril fui ao Congresso acompanhado dos 27 governadores para entregar uma proposta de reforma, pensando comigo: desta vez, sai. O resultado foi os



parlamentares votarem alguns pontos referentes à arrecadação federal e parar por aí. Mais tarde, depois de debater com todos os segmentos empresariais, centrais sindicais, com os governadores, com todos os partidos e líderes partidários, o Ministério da Fazenda construiu outra proposta. Pensei comigo: desta vez vai ser aprovada por unanimidade. Também não foi desta vez. E por quê? Porque cada força política tem uma visão sobre o assunto, cada governador, cada parlamentar defende uma reforma diferente. Nós fizemos a nossa parte e a questão não depende mais da nossa vontade. E o assunto é mais do que urgente. Os estados estão promovendo uma guerra fratricida, com alguns reduzindo o ICMS a quase zero, o que vai causar prejuízos a todos – ninguém vai ganhar. Cabe agora ao parlamento decidir se vai se empenhar ou não vai se empenhar na aprovação.

Jornalista: Fala-se muito, inclusive fora do País, que o senhor será nome em potencial para futuro Secretário Geral da ONU. É isso o que lhe reserva o futuro ou a constituição de uma ONG própria de foro internacional? Cá pra nós, o sr admite ser candidato em 2014 ou esta é uma hipótese arquivada de vez?

Presidente: Eu já disse em outras ocasiões que na minha opinião o cargo de secretário-geral da ONU não deve ser ocupado por um político. Haveria o risco de ele disputar o poder com os chefes de Estado dos países. O mais adequado é que o posto seja ocupado por funcionário de carreira, mais familiarizado com as questões burocráticas. Não tenho, portanto, o perfil de um secretário-geral da organização. Quanto ao meu futuro pessoal, é claro que penso, mas é uma coisa que não me toma muito tempo. Prefiro empregar minhas energias em pensar no presente e no futuro do nosso país. O governo não terminou – quero garantir que realizemos o máximo possível até o último segundo do dia 31 de dezembro que, afinal, foi para isso que a população nos colocou na Presidência. Quero garantir também que o nosso projeto político, de forte



crescimento econômico com democracia e inclusão social, tenha prosseguimento no próximo governo. Para isto, estou empenhado em trabalhar o futuro, em eleger Dilma Rousseff, pessoa mais comprometida com a continuidade desse projeto que é apoiado pela grande maioria da população brasileira.

Jornalista: Quando estiver fora do Governo, como dirá aos seus filhos e à academia que, mesmo com instrução básica, conseguiu implantar o mais consistente programa de apoio às universidades e ao ensino técnico? O senhor é predestinado, tem sorte, ou aprendeu o que os acadêmicos tardam a pôr em prática?

Presidente: Sinto muito orgulho de ter contribuído para dar um grande impulso no ensino técnico e no ensino superior em nosso país. É a educação, e educação de qualidade, que vai colocar o Brasil em um novo patamar quanto ao desenvolvimento econômico e ao desenvolvimento humano. Durante quase 100 anos, os governantes criaram 140 escolas técnicas no Brasil e nós, em apenas 8 anos, estamos criando mais 214. Quanto ao ensino superior, eu compreendo muito bem a sua importância. Eu me empenhei desde o início em ampliar o número de escolas, das vagas e da melhoria da qualidade, para garantir que um grande contingente de jovens tivesse a oportunidade que eu não tive na vida. Nestes oito anos, estamos construindo 14 novas universidades e 124 extensões universitárias, sobretudo em cidades do interior. Para possibilitar o acesso à faculdade de jovens de famílias que recebem até três salários mínimos por mês por pessoa, nós criamos o Prouni. Os alunos recebem bolsas para cursarem faculdades particulares. Até agora, já foram beneficiados 704 mil jovens. Sobre se eu tenho sorte, eu respondo como o terceiro presidente norte-americano, Thomas Jefferson. Uma vez perguntaram



se ele achava que tinha sorte. Resposta: “Eu acredito muito na sorte. Aliás, tenho constatado que quanto mais eu trabalho, mais sorte eu tenho.”

Jornalista: O senhor é o político que conclui um mandato com aprovação recorde. Antes, recentemente, o País teve dois outros nordestinos como presidente – Sarney e Collor. Com seu mandato, estanca para os próximos anos a possibilidade de um Nordeste ser novamente presidente?

Presidente: Os altos índices de aprovação servem para estimular a gente a trabalhar cada vez mais em benefício da população brasileira, sobretudo dos que mais precisam de oportunidades. Quanto à questão dos próximos mandatos, tenho para mim que a origem não é o mais importante na eleição de um presidente. Inclusive porque muitos políticos nascem num lugar mas surgem politicamente em outro. Para mim, o mais importante é ter amor ao Brasil, ter amor ao seu povo, principalmente aos mais humildes. É compreender que o nosso País precisa de crescimento econômico para gerar empregos e a melhoria das condições de vida dos trabalhadores. Após esses oito anos, conseguimos mudar o panorama político. O povo brasileiro não vai aceitar mais quem não empregue os recursos de olho nas mudanças efetivas que apontem para o crescimento não só da economia, mas também do bem-estar efetivo de seu povo. E estou convencido de que somente os políticos comprometidos com essa visão podem ter chances de conduzir os destinos do nosso país, e isso independe do seu local de nascimento. A partir de agora, governar de costas para o país, de costas para os nossos problemas sociais, será impossível.

(\$31DHKL)